

Projeto Vidas Paralelas Indígena: revelando o povo Fulni-ô de Pernambuco, Brasil.

Proyecto Vidas Paralelas Indígena: revelando el pueblo Fulni-ô de Pernambuco, Brasil.

Project Indigenous Parallel Lives: revealing the Fulni-ô people of Pernambuco, Brazil.

Eva Aurélia Melo Santos ¹

Clecildo Fulniô ²

Maria da Graça Luderitz Hoefel ³

Edgar Merchán-Hamann ⁴

Denise Osório Severo ⁵

Silvéria Maria dos Santos⁶

RESUMO

Este relato de experiência se refere ao povo Fulni-ô, que habita a comunidade de Xixia-clá no município de Águas Belas, a 300 km de Recife, Estado de Pernambuco. O histórico se refere à união com a tribo Carijós, e ao declínio no uso da língua ancestral, o *Yaathê*, do tronco linguístico *Macro-Jê*. Enfatiza-se também o conflito de terras, pois foi realizado um loteamento que relegou os índios a um espaço limitado, sendo a cidade fundada em território

indígena. Descreve-se a liderança do Cacique e do Pajé, e a discussão em comunidade dos assuntos que dizem respeito aos indígenas. Apesar da totalidade declarar que professa a religião católica, conhecimentos ancestrais são transmitidos e a cerimônia do *Ouricury* é muito concorrida. Descreve-se a assistência à saúde, que conta com um posto de saúde, onde trabalham indígenas nos cargos compatíveis com sua educação em níveis fundamental e médio. Já os cargos de nível superior são ocupados por não indígenas. O saneamento básico ainda está em processo de implantação. A atenção básica depende do Programa de Saúde da Família Indígena (PSFI).

Palavras-chave: educação indígena; saúde indígena; indígenas Fulni-ô do Brasil.

RESUMEN

Este relato de experiencia se refiere al grupo étnico Fulni-ô, que habita la comunidad de Xixia-clá en el municipio de Águas Belas, a 300 km de Recife, Estado de Pernambuco, Brasil. Con respecto a su historia, se relata la unión con la tribo Carijós, y el declinio en el uso de la lengua ancestral, el *Yaathê*, del

¹Estudante de Enfermagem. Faculdade de Ciências da Saúde (FS) – Universidade de Brasília (UnB);

² Estudante de Nutrição. FS - UnB;

³ Doutora em Sociologia. Professora do Departamento de Saúde Coletiva (FS/UnB), Coordenadora do Projeto Vidas Paralelas Indígena (PVPI);

⁴ Doutor em Saúde Pública. Professor do Departamento de Saúde Coletiva (FS/UnB), tutor do PVPI;

⁵ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da UnB; Pesquisadora Associada do Núcleo de Estudos em Saúde Pública / NESP, tutora do PVPI;

⁶ Doutora em História. Professora do Departamento de Enfermagem (FS/UnB), tutora do PVPI.

tronco lingüístico *Macro-Jê*. Se hace hincapié en el conflicto de tierras, pues fue realizada una división en lotes que dejó a los indígenas un espacio muy limitado, siendo la ciudad fundada en territorio indígena. Se describe el liderazgo del Cacique y del Pajé, y la discusión en comunidad de los asuntos que interesan a los indígenas. A pesar de que todos ellos declaran profesar la religión católica, conocimientos ancestrales son transmitidos y la ceremonia del *Ouricury* es muy concurrida. Se describe la atención a la salud, que cuenta con un puesto de salud, en donde trabajan indígenas en cargos compatibles con la educación en los niveles fundamental y medio. Los cargos de nivel superior son ocupados por no indígenas. El saneamiento básico aún está en proceso de implantación. La atención básica depende del Programa de Salud de la Familia Indígena (PSFI).

Palabras clave: educación indígena; salud indígena; indígenas Fulni-ô del Brasil.

ABSTRACT

This experience report deals with the Fulni-ô ethnic group settled at the Xixia-clá community, in the municipality of Águas Belas, 190 miles from Recife, state of Pernambuco, Brazil. History narrates their union to the Carijós tribe and the decline in the use of their ancestral tongue, Yaathê of the Macro-Jê linguistic stock. This article underscores the land dispute resulting from the division of lots, which reduced the indigenous people to a very restricted space because the city was founded in indigenous territory. It describes the leadership of the Cacique and the Pajé and the discussions held in the community about the community's concerns. Although everyone

declares to profess the Catholic religion, ancestral knowledge is transferred and many people attend the Ouricury ceremony. This report describes the health care provided by a health unit where indigenous people have jobs compatible with basic and middle level education. Higher-level jobs are performed by non indigenous people. Basic sanitation implementation is in process. Basic assistance is subject to the Indigenous Family Health Program (PSFI in Portuguese).

Key words: Brazilian indian education; Brazilian indian health; Brazilian Fulni-ô indians; Brazil first nations.

INTRODUÇÃO

Segundo Marilena Araújo, professora indígena Fulni-ô, se voltássemos ao ano de 1500, saberíamos recepcionar Cabral, pintaríamos seu rosto com jenipapo e urucum e lhe enfeitaríamos com folhas e penas (Relato de 1989). Desde o período da descoberta do Brasil, os índios ocupavam a Serra do Comunati, fato evidenciado pelos marcos históricos existentes e indestrutíveis até os dias atuais. Essa serra situa-se ao norte da atual cidade de Águas Belas, no Estado do Pernambuco (Figura 1), região habitada originariamente pelos índios *Tupiniquim*, que se uniram aos *Carnijó*, habitantes das imediações da Serra dos Cavalos. Ambas etnias cultivavam o mesmo idioma, o *Yaathê*, que significa “nossa língua”, falado ainda hoje pelos índios que habitam a referida região. A aldeia era conhecida como Lagoa, em decorrência da lagoa existente no local e que, traduzida pelos índios, recebeu o nome de *Fuly*. Daí surge, então, o nome dado aos nativos, *Fulni-Ô*.



Figura 1. Paisagem do sertão do Pernambuco, habitado pelos Fulni-ô.

Memória e situação das terras indígenas.

Segundo informações escritas ^{1,2} e da tradição oral, a história documenta a chegada do primeiro homem branco, em torno de 1700, João Rodrigues Cardoso, com o objetivo de “unificar as duas tribos” para ter, dessa maneira, maior acesso às terras. Dali então surgiu uma imposição para que os índios se acomodassem em outro local, próximo à antiga aldeia. Nesse mesmo momento, essas terras seriam doadas “aos índios *Carnijós*” pelo Governo Imperial, por meio da Carta Régia nº 33, de 5 de junho de 1705, com duas léguas de terras em quadra. Parte dessa terra seria, então, cedida em 1832 à Igreja de Nossa Senhora da Conceição da cidade de Águas Belas.

Na segunda metade do século XIX o Governo Imperial, por meio do Aviso de 4 de novembro de 1861, teria determinado a extinção do antigo aldeamento, o que gerou a expulsão dos indígenas pelos então arrendatários da terra. Um ano mais tarde, uma nova medida do Governo estabeleceu que fossem distribuídos lotes de terras aos índios, o que seria realizado 15 anos mais tarde, em 1877, com a demarcação de 427 lotes, sendo 320 com 30 hectares e 107 com áreas diversas.

A fragmentação da terra dos índios em lotes não foi certamente a solução do conflito na região, muito menos descaracterizou a área como indígena. As alterações e “concessões” de terra foram depois vistas como uma espécie de “recompensa” pela participação e morte de vários jovens indígenas na Guerra do Paraguai (dezembro de 1864 a março de 1870).

É relevante notar que essa tribo praticava um ritual religioso e sigiloso, do qual só podiam participar indígenas da mesma etnia. Um outro ponto é que a cidade foi fundada em meio à reserva indígena. Além disso, tem-se como causas relevantes da reivindicação pela posse da terra em sua extensão original (i) a necessidade de privacidade para preservação da cultura; (ii) o reflorestamento da caatinga com coqueiro Ouricury, principal fonte de matéria prima para a confecção do artesanato Fulni-ô; e (iii) a necessidade de cultivo de agricultura de subsistência, pois já não era possível a sobrevivência por meio da caça e da pesca, como antigamente.

Atualmente, cerca de 5.000 indígenas *Fulni-ô* habitam uma área de 11.505 hectares, dividida em 427 lotes individuais. A estimativa da FUNASA para a população Fulni-ô de Pernambuco em 2010 era de 4.340 ³. Pelas razões acima expostas faz-se necessária uma re-demarcação das terras indígenas (Figura 2).



Figura 2. Fotografia do sítio sagrado Ouricuri, para onde se desloca o povo Fulni-ô na festa do mesmo nome.

Organização Social

Os indígenas da etnia Fulni-ô submetem-se às deliberações do Pajé e do Cacique, os quais possuem total poder de decisão sobre todos os aspectos, revelando-se como mediadores de todas as formas de relações, conflituosas ou não. Todos os assuntos de interesse para a tribo são submetidos ao Pajé e ao Cacique com participação ativa de todos os integrantes da tribo. Entre as tribos, há algumas organizações com a finalidade de pactuar os interesses comuns aos indígenas. Essas organizações, para serem reconhecidas, devem se submeter a uma análise interna do Pajé e do Cacique.

As coordenações nas áreas de educação, saúde e lazer também são indicadas pelo Pajé e pelo Cacique. Estes, por sua vez, têm total apoio e respeito de todos os membros da comunidade. Organizações que necessitam de articulação fora da aldeia como, por exemplo, o conselho indígena de saúde, têm a participação e regência de outros indígenas, os quais são escolhidos por seus líderes, com o apoio da comunidade.

Cultura

A cultura da tribo Fulni-ô é principalmente retratada pelo *toré*, dança ancestral, mas

também é refletida em outras manifestações de baile, como a *cafurna* e o *samba de côco*. As músicas dessas danças são cantadas no idioma próprio da tribo (Figuras 3 e 4).



Figura 3. Indígenas da etnia Fulni-ô no estado de Pernambuco, Brasil.



Figura 4. Indígenas da etnia Fulni-ô no estado de Pernambuco, Brasil.

A língua predominantemente falada é o *Yaathê*, do tronco linguístico *Macro-Jê*. Em decorrência da miscigenação existente, por incrível que pareça, fragilizou-se o uso da língua ancestral, culminando com seu declínio. O motivo disso, acredita-se, foi a inclusão social forçada dos integrantes da tribo junto à população não indígena que já dominava a cidade de Águas Belas. Devido a esse declínio, que pode ser caracterizado como o período obscuro do *Yaathê*, idealizou-se a criação de uma escola bilíngue na aldeia. O objetivo dessa escola, além do resgate da língua, foi o de

fornecer subsídios para consolidar a escrita e, assim, facilitar o entendimento dos envolvidos. A escola ainda focalizava o ensino do artesanato e da religião, por intermédio de histórias vivenciadas que auxiliavam o reconhecimento da cultura indígena e o respeito ao próximo.

A única religião aceita pelos indígenas dessa etnia é a católica, o que fez com que a mesma predomine na aldeia. Os ensinamentos da cultura ancestral são passados de uma geração para a outra, perpetuando-se assim as crenças até os dias de hoje. Isso é fortemente evidenciado pelo fato de que vários indígenas que, por questões financeiras, foram obrigados a trabalhar fora da aldeia, retornam à aldeia no período de setembro a dezembro para participarem do *Ouricury*.

Saúde

Atualmente, existe apenas uma aldeia-sede e um grupo de pessoas que formam a comunidade do *Xixia-clá*, assistida apenas por um posto de saúde, onde trabalham indígenas nos cargos compatíveis com sua educação em níveis fundamental e médio. Já os cargos de nível superior são ocupados por não indígenas, devido ao fato de que não há indígenas igualmente qualificados para tais funções, por enquanto.

O saneamento básico ainda está em processo de implantação. Apesar de existir água tratada, a rede de esgoto ainda está em obras, pendente de conclusão.

O atendimento primário é realizado no posto de saúde da aldeia (Programa de Saúde da Família Indígena - PSFI). Quando há necessidade de serviços especializados e

de acordo com o grau de complexidade da situação, utilizam-se os postos localizados no município de Garanhuns, localizado a 80 km da aldeia, de Caruaru, a 180 km ou, ainda, na capital pernambucana, distante 303 km.

REFERÊNCIAS

1. Instituto Socioambiental - ISA / Hernández-Díaz J. Povos Indígenas no Brasil - Fulni-ô. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/atikum/160>. Acessado em 02/12/2011.
2. Oliveira S. Os primeiros habitantes do Gravatá: os Fulni-ô. Disponível em: <http://educarencantando.blogspot.com/2009/04/fenix-do-nordeste-brasileiro.html>. Acessado em 05/12/2011.
3. Instituto Socioambiental (ISA). Povos indígenas do Brasil - Quadro geral dos povos. Fulni-ô, PE. (Com base em dados da FUNASA). Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/c/quadro-geral>. Acesso em: 01/12/2011.